

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JANEIRO DE 1864

Nº 1

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

Para muitos de nossos leitores, cujo número aumentou consideravelmente este ano, a época de renovação das assinaturas da *Revista* é ocasião para testemunharem seu devotamento à causa e, no que nos concerne, demonstrarem sentimentos que nos tocam vivamente. As cartas contendo tais expressões são muito numerosas para que nos seja possível responder a cada uma em particular. Assim, nós lhes dirigimos, coletivamente, nossos sinceros agradecimentos pelas coisas obsequiosas que houveram por bem dizer-nos e pelos votos que fazem por nós e pelo futuro do Espiritismo. Nossa conduta passada lhes é uma garantia de que não nos desviaremos de nossa tarefa, por mais pesada que seja, e sempre nos encontrarão em plena atividade. Até hoje suas preces foram ouvidas, razão por que os convidamos a agradecer aos Espíritos bons que nos assistem e nos secundam da mais evidente maneira, afastando os obstáculos que poderiam entravar nossa marcha e nos mostrando, cada vez com mais clareza, o objetivo que devemos alcançar.

Durante muito tempo estivemos mais ou menos só, mas eis que, de todos os lados, novos lutadores entram na liça,

trabalhando com ardor, perseverança e abnegação que a fé proporciona, na defesa e na propagação de nossa santa doutrina, sem se deixarem abater pelos obstáculos e sem temerem a perseguição; em sua maioria eles viram a má vontade dobrar-se ante a sua firmeza. Que recebam, aqui, nossas sinceras felicitações, em nome de todos os espíritas presentes e futuros, na memória dos quais certamente viverão. Logo terão a satisfação de ver numerosos imitadores marchando em suas pegadas, porque o impulso, uma vez dado, não mais será detido; em breve, também, ver-se-ão sustentados por homens de autoridade, que empunharão corajosamente a causa do Espiritismo, que é a do progresso e do bem-estar material e moral da Humanidade.

Saudação cordial e fraterna aos irmãos em Espiritismo de todos os países.

Allan Kardec

Estado do Espiritismo em 1863

Para o Espiritismo, o ano que acaba de passar não foi menos fecundo que os precedentes, distinguindo-se, no entanto, por vários traços particulares. Mais que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques, sinal característico cujo alcance a ninguém escapou. Todos dizem: Se se encolerizam, é porque têm medo; se têm medo, é que existe algo de sério.

Como, porém, está hoje bem constatado que essas agressões fizeram avançar o Espiritismo, em vez de o deter, naturalmente os ataques diminuirão com o tempo; mas não se deve subestimar esta calma aparente, nem crer que os inimigos do Espiritismo logo vão tirar partido; é, pois, necessário nos persuadirmos de que a luta não terminou, mas que haverá uma mudança de tática. Eis por que dizemos aos espíritas que velem

sem cessar sobre o que se passa à sua volta, e se lembrem do que dissemos no número de dezembro último, sobre o período da luta, a guerra surda e os conflitos; que não se surpreendam se o inimigo se insinua até em suas fileiras; Deus o permite para experimentar a fé, a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Doravante a meta será procurar todos os meios possíveis de comprometer o Espiritismo, a fim de o desacreditar; induzir os grupos, sob a aparência de zelo e o pretexto de que devem ir avante, a se ocuparem de coisas estranhas ao objetivo da doutrina; a tratarem de questões políticas ou outras, capazes de provocar discussões irritantes e semear a divisão, tudo com o pretexto de pedirem o seu fechamento. A moderação dos espíritas é o que surpreende e mais contraria os adversários; tudo farão para os tirar de lá, até mesmo a provocação; mas eles saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não cair nas armadilhas que lhes estenderão; aliás, verão os instigadores se emaranharem em seus próprios fios, pois é impossível que, mais cedo ou mais tarde, não se deixem descobrir. Será um momento mais difícil a passar que o da guerra aberta, onde se vê o inimigo face a face; porém, quanto mais rude a prova, tanto maior será o triunfo.

Aliás, esta campanha tem tido imenso resultado: o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido contrário entraram na liça; todos os recursos da argumentação foram empregados e, não tendo sofrido o Espiritismo, cada um ficou convencido de que não se lhe podia opor nenhuma razão peremptória; a maior prova da falta de boas razões foi terem recorrido ao triste e ignóbil expediente da calúnia. Contudo, por mais que quisessem fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz, a doutrina aí está, escrita em termos tão claros que desafiam toda falsa interpretação, razão por que o odioso da calúnia recai sobre os que a empregam e os convence de sua impotência. Eis aí um fato considerável no ano que termina; e,

ainda mesmo que só tivéssemos obtido esse resultado, deveríamos nos dar por satisfeitos. Mas outros há, não menos positivos.

O ano de 1863 é marcado, sobretudo, pelo aumento do número de grupos e sociedades, formadas numa porção de localidades onde não os havia ainda, tanto na França quanto no estrangeiro, sinal evidente do número de adeptos e da difusão da doutrina. Paris, que havia ficado na retaguarda, finalmente cede ao impulso geral e começa a mover-se. Diariamente se formam reuniões particulares, com objetivo eminentemente sério e em excelentes condições. A Sociedade que presidimos vê com alegria multiplicarem-se à sua volta rebentos vivazes, capazes de espalhar a boa semente. Os grupos particulares, quando bem dirigidos, são muito úteis à iniciação de novos adeptos. Em razão da extensão de suas relações, a Sociedade principal, sendo o centro de convergência de todas as partes do mundo, não pode nem deve ocupar-se senão do desenvolvimento da ciência e das questões gerais, que absorvem todo o seu tempo; deve forçosamente abster-se de tudo quanto seja elementar e pessoal. Os grupos particulares vêm, assim, preencher a lacuna que, forçosamente, a Sociedade deixa na prática, razão por que esta encoraja e secunda com seus conselhos e seu apoio moral as pessoas que se dedicam a essa obra de propagação. Se, por alguns instantes, foi possível conceber um certo receio quanto aos efeitos de algumas dissidências na maneira de encarar o Espiritismo, existe um fato capaz de dissipá-lo completamente: é o número sempre crescente das Sociedades que, em todos os países, se colocam espontaneamente sob o patrocínio da de Paris e erguem a sua bandeira. É notório que a doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* é hoje o ponto para onde converge a imensa maioria dos adeptos; a máxima *Fora da caridade não há salvação* reuniu todos os que vêm o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de o interpretar e ela satisfaz a todas as aspirações. Desde a constituição do Espiritismo em corpo de doutrina, já caíram muitos sistemas isolados e os poucos traços que ainda deixam não têm influência na opinião

geral. As sólidas bases em que ele se apóia triunfarão sem custo das divisões que os adversários não deixarão de suscitar, porque estes não contam com Espíritos que protejam sua obra e se servem dos próprios inimigos para garantirem o sucesso. Teria sido um fato sem precedentes pudesse uma doutrina ter se estabelecido sem dissidência e, se nos podemos admirar de algo, quanto ao Espiritismo, é ver formar-se a unidade tão prontamente.

Seja como for, o Espiritismo ainda não penetrou em toda parte e em muitos lugares mal é conhecido de nome. Os raros adeptos aí encontrados o atribuem a duas causas: a primeira, ao caráter das populações, muito absorvidas pelos interesses materiais; a segunda, à ausência de pregações contrárias. Eis por que apelam, com todas as suas forças, para sermões do gênero dos que foram pregados alhures, ou alguma manifestação ruidosa de hostilidade, que chame a atenção e desperte a curiosidade. Contudo, que tenham paciência: como é preciso que todos lá cheguem, os Espíritos saberão perfeitamente acudir com outros meios.

Mas o sinal mais característico do ano de 1863 foi o movimento que se produziu na opinião, concernente à Doutrina Espírita; é surpreendente a facilidade com que o princípio é aceito por pessoas que até há pouco o teriam repellido e levado ao ridículo. As resistências – falamos das que não são sistemáticas e interesseiras – diminuem sensivelmente. Citam-se vários escritores de boa-fé que fizeram luta renhida contra o Espiritismo, e que hoje, dominados por seu meio social, sem se confessarem vencidos, renunciam a uma luta que consideram inútil. É que a necessidade de uma transformação moral se faz sentir cada vez mais; a ruína do velho mundo é iminente, porque as idéias que ele preconiza já não estão à altura a que chegou a Humanidade inteligente. Tudo parece a ele conduzir e, na retaguarda, entrevêm vagamente novos horizontes; sente-se que é preciso algo melhor do que o que existe e o procuram inutilmente no mundo atual; alguma coisa circula no ar como uma corrente elétrica precursora e cada um espera; mas cada um também diz que não é a Humanidade que deve recuar.

Outro fato não menos significativo, que muitos notaram, e que é consequência do atual estado de espírito, é o prodigioso número de escritos, sérios ou ligeiros, feitos fora e, provavelmente, sem o conhecimento do Espiritismo, nos quais se encontram pensamentos espíritas. O princípio da pluralidade das existências, sobretudo, tem uma tendência manifesta a entrar na opinião das massas e na filosofia moderna; muitos pensadores a ele são conduzidos pela lógica dos fatos e em pouco esta crença se tornará popular; evidentemente, são os precursores da adoção do Espiritismo, cujas vias são assim preparadas e aplainado o caminho. Estas idéias são semeadas de diversos lados, em escritos que vão a todas as mãos, tornando cada vez mais fácil a sua aceitação.

O estado do Espiritismo, em 1863, pode ser assim resumido: ataques violentos; multiplicação de escritos a favor e contra; movimento nas idéias; notável extensão da doutrina, mas sem sinais exteriores capazes de produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, esperando que a árvore desenvolva os seus ramos. O momento de sua maturidade ainda não chegou.

No número das publicações que, neste último ano, vieram participar da luta e concorrer para a defesa do Espiritismo, colocamos em primeira linha os jornais *Ruche*, de Bordeaux, e *Vérité*, de Lyon, cujos redatores merecem o reconhecimento e o encorajamento de todos os verdadeiros espíritas, pela perseverança, devotamento e desinteresse de que deram provas. No centro espírita mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, o *Vérité* veio firmar-se como um atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica. Ao que tudo indica, em breve o Espiritismo terá um novo e importante órgão na Itália, que, como os seus mais velhos da França, marchará de comum acordo com os grandes princípios da doutrina.

Médiuns Curadores

Um oficial de caçadores, espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, transmitiu-nos os seguintes detalhes:

“Caro mestre, aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades mediúnicas. A tríade do 4^o caçadores, sempre unido, sempre vivo, inspira-se em seus deveres e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes. Desde alguns meses nossos trabalhos têm como meta o estudo dos fluidos. Esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; assim, agora a aplicamos com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão foi suficiente para tirar uma nevralgia violenta.

“Há vinte anos a Sra. P.. estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que a retinha no quarto há quinze anos. Mora numa pequena cidade vizinha e, tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Partiu ao cabo de trinta e cinco dias, completamente curada. Durante esse tempo recebeu diariamente um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

“Ao mesmo tempo cuidávamos de um epilético, acometido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para esta cura importante; e como aquela mãe estava feliz, levando o filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos os três de oito em oito dias. Para a emissão fluídica, ora colocávamos a mão sobre a boca do estômago do doente, ora sobre a nuca, na raiz do

pESCOÇO. Cada dia o doente podia constatar uma melhora; nós mesmos, após a evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e se nos escapar dos dedos esticados e dos braços estendidos para o corpo do paciente que tratávamos.

“Neste momento oferecemos os nossos cuidados a um segundo epilético; desta vez a moléstia talvez seja mais rebelde, porque é hereditária. O pai deixou nos quatro filhos o germe desta afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons, esperamos reduzi-la em todos eles.

“Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e das dos nossos irmãos de Paris. Para nós, esse concurso será um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos Espíritos bons podem vir em nosso auxílio, tornar o tratamento mais salutar e abreviar a sua duração.

“Como bem podeis imaginar, só aceitamos como recompensa – e já deve ser bastante – a satisfação de ter feito o nosso dever e obedecido ao impulso dos Espíritos bons. O verdadeiro amor do próximo traz consigo uma alegria sem mescla e deixa em nós algo de luminoso, que encanta e eleva a alma. Assim, procuramos, tanto quanto nos permitem nossas imperfeições, compenetrarmo-nos dos deveres do verdadeiro espírita, que mais não são que a aplicação dos preceitos evangélicos.

“O Sr. G... de L... deve trazer-nos o seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjugou há dois anos. Lamennais, nosso guia espiritual, encarrega-nos do tratamento dessa rebelde obsessão. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim fosse, só teríamos de nos humilhar ante tão grande favor, em vez de nos orgulharmos. Quão maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorarmos, para testemunhar o nosso reconhecimento e para não perdermos dons tão preciosos!”

Tendo sido lida esta interessante carta na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro de 1863, um de nossos bons médiuns obteve a respeito, espontaneamente, as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas a vontade tem servido tanto para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos obrigados a constatar que, também, foi a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre-arbítrio. A vontade desenvolve o fluido, seja animal, seja espiritual, porque, como sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

“A vontade muitas vezes foi mal compreendida. Em geral aquele que magnetiza não pensa senão em manifestar sua força fluídica, derramar o seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se preocupar se há ou não uma Providência que se interesse pelo caso tanto ou mais que ele. Agindo *só* não pode obter senão o que a sua força, sozinha, pode produzir, ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem. Fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se demasiado fracos, Deus, em sua solícitude, lhes envia poderosos socorros, que o primeiro não pode obter, já que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus sempre recompensa a humildade sincera, elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse socorro que envia são os Espíritos bons, que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, o qual é transmitido ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas classificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido

derramado sobre o médium; enquanto o magnetizador ordinário se esgota, muitas vezes inutilmente, em dar passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos Espíritos bons. Mas esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

Mesmer (Médium: Sr. Albert)

“Uma palavra sobre os médiuns curadores de que acabais de falar. Estão todos nas mais louváveis disposições; têm a fé que transporta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência que empreenderam; que bem se lembrem de que aquele que pratica as leis sagradas ensinadas pelo Espiritismo, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, o seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando por vezes dizia: *eu quero*, a palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se o coração a esta santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade do Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo.”

(Paulo, apóstolo – Médium: Sr. Albert)

Algumas explicações farão compreender facilmente o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particulares ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de admirável que possa modificar o estado de certos órgãos; mas igualmente se compreende que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau

fluido; fluido agradável ou penoso.” Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, por vezes até nociva, porque pode transmitir ao doente princípios mórbidos. Pelo fato de um fluido ser bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue absolutamente que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, e não o bálsamo, que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas a todo instante têm ocasião de constatar. *Só* nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; por conseguinte, sua ação deve ser mais salutar e mais imediata; é o fluido benfazejo por excelência. Visto que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, faz-se mister pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em regiões distantes os remédios que não encontramos em nossa terra. O médium curador pouco emite de seu próprio fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *conduto*; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem; o outro, dos Espíritos. Como se vê, nada há nisso de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza, que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica ordinária, não bastam os primeiros medicamentos que surgem; são precisos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais salutaros; já que esses fluidos benfazejos são

os próprios fluidos dos Espíritos superiores, é o concurso destes últimos que se deve obter. Por isto a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja ouvida, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um real sentimento de *benevolência* e de *caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem interesse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos Espíritos bons, fica reduzido às suas próprias forças, muitas vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Mas não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro; dá-se o mesmo com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalharem o seu melhoramento moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital: o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos; donde se segue que estes últimos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, por conseguinte, tirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caritativo, para dela fazer comércio. Quando Jesus disse aos apóstolos: *"Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos"*, acrescentou: *"Dai de graça o que de graça recebestes."*

Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, como anunciaram os Espíritos, e isto em vista de propagar o Espiritismo, pela impressão que esta nova ordem de fenômenos não deixará de produzir nas massas, porquanto não há quem não ligue para a sua saúde, mesmo os maiores incrédulos. Desse modo, quando virem obter com o concurso dos Espíritos o que a Ciência não pode dar, forçoso será convir que há uma força fora do nosso mundo. Assim a Ciência será levada a sair da via exclusivamente material em que

ficou até hoje. Quando os magnetizadores antiespiritualistas ou antiespíritas virem que existe um magnetismo mais poderoso que o seu, serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, todavia, precaver-se contra o charlatanismo, que não deixará de tentar explorar em proveito próprio esta nova faculdade. Para isto, há um meio muito simples: lembrar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus com um objetivo santo, sem sombra de dúvida é esta, pois que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e este não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É para que se fique bem edificado quanto à natureza toda especial desta faculdade que nós o descrevemos com alguns detalhes. Embora tenhamos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, muitos dos quais passados sob os nossos olhos, pode dizer-se que ainda é rara, e só existe parcialmente nos médiuns que a possuem, seja por não terem todas as qualidades requeridas para possuí-la em sua plenitude, seja por estar ainda em começo. Eis por que, até hoje, os fatos não tiveram muita repercussão; mas não tardarão a tomar desenvolvimentos capazes de chamar a atenção geral. Dentro de poucos anos ela se revelará nalgumas pessoas predestinadas para isto, com uma força que triunfará de muitas obstinações. Mas não são os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá de sua impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para atingir este objetivo e acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que esta qualificação não pode ser conferida aos médiuns escreventes, que obtêm receitas médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, e não como recurso habitual. Em próximo artigo trataremos de sua possível aliança com a Medicina e o magnetismo ordinários.

Um Caso de Possessão

SENHORITA JÚLIA

(2º artigo – Ver o número de dezembro de 1863)

Em nosso artigo anterior, descrevemos a triste situação dessa moça e as circunstâncias que nela provavam uma verdadeira possessão. Sentimo-nos feliz ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de liberta de seu Espírito obsessivo, os violentos abalos que tinha sofrido durante mais de seis meses haviam provocado grave perturbação em sua saúde. Agora está completamente recuperada, mas não saiu do estado sonambúlico, o que não a impede de consagrar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas haviam tentado magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora no seu estado patológico. Quanto ao Espírito, era cada vez mais tenaz, e as crises haviam atingido um grau de violência dos mais inquietadores. Teria sido necessário um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, isto é, penetrando a doente com um fluido bastante puro para *eliminar* o fluido do Espírito mau. Se há um gênero de mediunidade que exige superioridade moral é, seguramente, o caso das obsessões, pois é preciso ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que é anunciado, devem multiplicar-se com grande energia daqui a algum tempo, a fim de que fique bem demonstrada a impotência dos meios empregados até agora para os combater. Até uma circunstância, da qual não podemos ainda falar, mas que tem certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é duvidoso que surjam médiuns especiais com o poder de expulsar os Espíritos maus, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus sempre põe o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Júlia, o magnetismo simples, como em todos os casos análogos, por mais enérgico que fosse, era insuficiente. Dever-se-ia agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor, para o dominar, e sobre o moral da doente, perturbada por todos esses abalos; o mal físico era apenas consecutivo; era efeito, e não causa. Devia-se, pois, tratar a causa antes do efeito. Destruído o mal moral, o mal físico desapareceria por si mesmo. Mas para isto é preciso identificar-se com a causa; estudar com o maior cuidado e em todos os seus matizes o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou qual direção mais favorável, porque os sintomas variam conforme o grau de inteligência do paciente, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta quase sempre a existências anteriores.

O insucesso do magnetismo com a senhorita Júlia levou várias pessoas a tentar; neste número estava um jovem dotado de grande força fluídica, mas que, infelizmente, não tinha qualquer experiência e, sobretudo, os conhecimentos necessários em casos semelhantes. Ele se atribuía um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, em sua opinião, não podiam resistir à sua vontade. Tal pretensão, levada ao excesso e baseada em sua força pessoal e não na assistência dos Espíritos bons, deveria provocar-lhe mais uma decepção. Só isto deveria ter bastado para mostrar aos amigos da mocinha que faltava a primeira das qualidades requeridas para que o socorro lhe fosse eficaz. Mas o que, acima de tudo, deveria tê-los esclarecido, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de natureza muito etérea para poderem vir à Terra comunicar-se com os homens e os assistir; isto só é possível aos Espíritos inferiores, em razão de sua natureza mais grosseira. Esta opinião, que não passa da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, cometia ele o grave erro de a sustentar diante da enferma, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, só devia contar consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência capaz de ajudá-lo, assistência que, é

verdade, julgava poder dispensar. A conseqüência mais deplorável era para a doente, que ele desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos Espíritos bons. No estado de debilidade em que se achava o seu cérebro, tal crença, que dava todo poder ao Espírito obsessor, poderia tornar-se fatal para sua razão, e mesmo matá-la. Assim, ela repetia sem cessar, nos momentos de crise: “Louca... louca..., ele me põe louca... completamente louca... eu ainda não o sou, mas ficarei.” Falando de seu magnetizador, ela descrevia perfeitamente sua ação, dizendo: “Ele me dá a força do corpo, mas não a força do espírito.” Tal expressão era profundamente significativa e, no entanto, ninguém lhe dava importância.

Quando vimos a senhorita Júlia, o mal estava no seu apogeu e a crise que testemunhamos foi uma das mais violentas. Foi no próprio momento em que nos dedicávamos a levantar-lhe o moral e inculcar-lhe o pensamento de que ela *podia* dominar esse Espírito mau, com a assistência dos bons e de seu anjo-da-guarda, cujo apoio devia invocar. Foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se achava presente, por uma circunstância sem dúvida providencial, veio, sem qualquer provocação, afirmar e desenvolver sua teoria, destruindo por um lado o que fazíamos por outro. Tivemos de lhe expor com energia que praticava uma má ação e assumia a terrível responsabilidade da razão e da vida daquela infeliz mocinha.

Um fato dos mais singulares, que todos tinham observado, mas cujas conseqüências ninguém havia deduzido, produzia-se na magnetização. Quando se dava durante a luta com o Espírito mau, *só* este último absorvia todo o fluido, que lhe conferia mais força, enquanto a doente enfraquecia e sucumbia à sua ação nefasta. Devemos nos lembrar de que ela estava sempre em estado sonambúlico; conseqüentemente, via o que se passava, e foi ela mesma quem deu a explicação. Não viram no fato senão uma malícia do Espírito e contentavam-se em se absterem de magnetizar em tais momentos e ficarem como espectadores da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, é possível dar-se

conta facilmente desse fenômeno. Antes de mais, é evidente que, absorvendo o fluido para aumentar a força em detrimento da doente, o Espírito queria convencer o magnetizador da inutilidade de sua pretensão. Se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, pois se servia da mesma arma com a qual este último pretendia vencê-lo. Pode dizer-se que lhe tomava o bastão das mãos. Não menos evidente era a sua facilidade de se apropriar do fluido do magnetizador, denotando uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que fluidos de natureza contrária se teriam repellido, como água e óleo. Só este fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves e, podemos dizer, dos mais funestos, não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem levar em conta a qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente nestas qualidades, como o êxito depende, na terapêutica, da qualidade do medicamento. Não seria demais chamar a atenção para este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador, que já havia influenciado as idéias da doente, dissemos a esta: “Minha filha, tende confiança em Deus; olhai em volta. Não vede Espíritos bons? – É verdade, diz ela; vejo luminosos, que Fredegunda não ousa encarar. – Pois bem! são os que vos protegem e não permitirão que o Espírito mau triunfe; implorai sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo por Fredegunda. – Oh! Por ela jamais o poderei. – Cuidado! vede como se afastam os Espíritos bons a estas palavras. Se quiserdes a sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, esforçando-vos principalmente para que sejais melhor que a vossa inimiga. Como quereis que eles vos defendam, se não valeis mais que ela? Pensai que em outras existências tereis censura a vos fazer; o que vos acontece é uma expiação; se quiserdes fazê-la cessar, será preciso que melhoreis e proveis vossas boas intenções, começando por vos mostrardes boa e caridosa para com os inimigos. A própria

Fredegunda será tocada e talvez fareis o arrependimento entrar no seu coração. Refleti. – Eu o farei. – Fazei-o logo e dizei comigo: ‘Meu Deus, eu perdôo a Fredegunda o mal que ela me fez; aceito-o como uma prova e uma expiação que mereci. Perdoai minhas próprias faltas, como eu perdôo as dela. E vós, Espíritos bons que me cercais, abri o seu coração a melhores sentimentos e me dai a força que me falta.’ Prometeis orar por ela todos os dias? – Prometo. – Está bem. Por meu lado, cuidarei de vós e dela; tende confiança. – Oh! Obrigado! algo me diz que isto logo vai acabar.”

Tendo dado conta dessa cena à Sociedade, foram transmitidas a respeito as seguintes instruções:

“O assunto de que vos ocupais comoveu os próprios Espíritos bons que, por sua vez, querem vir em auxílio desta moça com seus conselhos. Com efeito, ela apresenta um caso de obsessão muito grave; entre os que vistes e vereis ainda, pode-se pôr este no número dos mais sérios e, sobretudo, dos mais interessantes, pelas particularidades instrutivas já apresentadas e que ele vos oferecerá novamente.

“Como já vos disse, esses casos de obsessão se repetem freqüentemente e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, primeiro para vós, depois para os que as sofrerem.

“Primeiro para vós, porque, assim como vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre os que lhe eram completamente estranhos, também esses obsedados, cujo número se tornará muito importante para que deles não se ocupem de maneira superficial, mas ampla e profunda, abrirão bastante as portas da Ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar e ocupar, entre gente de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar a que tem direito.

“Depois para eles porque, no estado de Espírito, antes de encarnar-se entre vós, eles aceitaram essa luta, que lhes acarreta a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento; e essa luta, acreditai, faz sofrer cruelmente seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de certo modo, não é mais seu, tem a perfeita consciência do que se passa. Conforme tiverem suportado essa prova, cuja duração lhes podereis abreviar poderosamente por vossas preces, terão progredido mais ou menos. Porque, ficai certos, a despeito dessa possessão, sempre momentânea, eles guardam suficiente consciência de si mesmos para discernirem a causa e a natureza de sua obsessão.

“Para esta que vos ocupa, é necessário um conselho. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado, de que falastes, lhe são funestas sob todos os aspectos. Aquele Espírito é sistemático. E que sistema! Quem não reporta todas as suas ações à maior glória de Deus e se envaidece das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, muitas vezes neste mundo e, infalivelmente, no outro. Cuidai, pois, meu caro Kardec, para que essas magnetizações cessem completamente, ou os mais graves inconvenientes resultarão de sua continuação, não só para a moça, mas ainda para o imprudente, que pensa ter às suas ordens todos os Espíritos das trevas e se lhes impor como chefe.

“Digo que vereis esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo tempo, porque são úteis ao progresso da Ciência e do Espiritismo. É por isso que os médicos e os sábios enfim abrirão os olhos e aprenderão que há doenças cujas causas não estão na matéria, não devendo, por isso, ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão vão igualmente abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e lhe fazer dar um grande passo à frente pelo estudo, até agora tão imperfeito, dos fluidos. Auxiliado por esses novos conhecimentos e por sua íntima aliança com o Espiritismo, ele obterá grandes coisas. Infelizmente, no magnetismo como na Medicina, durante muito tempo ainda

haverá homens que julgarão nada ter a aprender. Essas obsessões freqüentes terão, também, um lado muito bom, porque, penetrado pela prece e pela força moral, é possível fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os Espíritos maus e, pelo melhoramento de sua conduta, cada um buscará adquirir o direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo.”

Hahnemann (Médium: Sr. Albert)

“Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa. Os meios estavam implicitamente contidos nas reflexões há pouco emitidas por Allan Kardec. Não só é necessária uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que, como Júlia, se acha em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade espírita. Além disso, é necessário que seja de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo, faz-se mister a ação não menos enérgica de um Espírito bom desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até agora essa ação não foi realizada, foi justamente para vos conduzir ao estudo e à experimentação desta interessante questão. É por isto que Júlia não se livrou mais cedo: ela devia servir para os vossos estudos.

“Isto vos demonstra o que, doravante, tereis de fazer, nos casos de possessão manifesta. É indispensável chamar em vosso auxílio o concurso de um Espírito elevado, desfrutando ao mesmo tempo de uma força moral e fluídica, como o excelente cura d’Ars; e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Quanto ao mais, nosso concurso é dado a todos os que nos chamarem em auxílio, com pureza de coração e fé verdadeira.

“Resumindo: Quando magnetizarem Júlia, será preciso proceder, inicialmente, pela fervorosa evocação do cura d’Ars e de outros Espíritos bons que se comunicam habitualmente entre vós, pedindo-lhes que atuem contra os Espíritos maus que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Também não esquecer que a prece coletiva tem uma força muito grande, quando feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um ardente desejo de aliviar.”

Erasto (Médium: Sr. d’Ambel)

Estas instruções foram seguidas. Vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece nas condições requeridas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessor a emendar-se, o que necessariamente deveria facilitar a cura. Foi o que se fez, evocando-o e lhe dando conselhos; ele prometeu não mais atormentar a senhorita Júlia e manteve a palavra. Um dos nossos colegas foi especialmente encarregado por seu guia espiritual de sua educação moral, com o que ficou satisfeito. Hoje esse Espírito trabalha seriamente por sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino, que decorre desse fato e das observações a que deu lugar, a ninguém escapará e cada um poderá nele haurir úteis instruções sobre a ocorrência. Uma observação essencial que o fato permitiu constatar e que se compreende sem dificuldade, é a influência do meio. É bem evidente que se o meio secunda por uma comunhão de vistas, de intenção e de ação, o doente se acha numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve necessariamente facilitar e apressar o sucesso. Mas se houver desacordo, oposição; se cada um quiser agir à sua maneira, resultarão divergências, correntes contrárias que, forçosamente, paralisarão e, por vezes, anularão os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se forem maus, serão tão funestos a certos indivíduos quanto as emanções das regiões pantanosas.

Conversas de Além-Túmulo

FREDEGUNDA

Damos a seguir as duas evocações do Espírito Fredegunda, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois artigos anteriores sobre a possessão da senhorita Júlia. Embora não se manifestasse com sinais de violência, o Espírito escrevia com grande dificuldade e fatigava extremamente o médium, que chegou a ficar indisposto e cujas faculdades pareciam, de certo modo, paralisadas. Prevendo esse resultado, tivéramos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Em outra circunstância, interrogado a respeito do Espírito Fredegunda, outro Espírito tinha dito que há muito tempo ela procurava reencarnar-se, mas que isto não lhe havia sido permitido, porque o seu objetivo não era ainda melhorar-se, mas, ao contrário, ter mais facilidade para fazer o mal, com o auxílio de um corpo material. Tais disposições deveriam tornar sua conversão muito difícil. Entretanto, esta não o foi tanto quanto se poderia temer, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nela participaram, e talvez também porque era chegado o momento em que esse Espírito deveria entrar na via do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 – Médium: Sr. Leymarie)

1. *Evocação.*

Resp. – Não sou Fredegunda. Que quereis de mim?

2. Então quem sois?

Resp. – Um Espírito que sofre.

3. Visto que sofreis, deveis desejar não mais sofrer. Nós vos assistiremos, pois lamentamos todos os que sofrem neste mundo e no outro; mas é necessário que nos secundeis e, para isto, é preciso que oreis.

Resp. – Agradeço-vos, mas não posso orar.

4. Nós vamos orar; isto vos auxiliará. Tende confiança na bondade de Deus, que sempre perdoa àquele que se arrepende.

Resp. – Creio em vós. Orai, orai; talvez eu me possa converter.

5. Mas não basta que oremos; é preciso que também oreis.

Resp. – Eu quis orar e não pude; tentarei agora com o vosso auxílio.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, já que pequei. Arrependo-me do mal que fiz.

Resp. – Di-lo-ei depois.

7. Isto não é suficiente; é preciso escrever.

Resp. – Meu... (Aqui o Espírito é incapaz de escrever a palavra *Deus*. Só depois de muito encorajamento consegue terminar a frase, de modo irregular e pouco legível.)

8. Não basta dizer isto pró-forma. É preciso pensar e tomar a resolução de não mais fazer o mal; como vereis, logo sereis aliviada.

Resp. – Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, não vos sentis melhor?

Resp. – Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas da vossa obstinação contra Júlia.

Resp. – Mais tarde... direi... mas hoje não posso.

11. Prometeis deixar Júlia em paz? O mal que lhe fazeis cai sobre vós e aumenta o vosso sofrimento.

Resp. – Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma má desculpa, que dais para vos escusardes. Em todo o caso, deveis ter uma vontade e com a vontade sempre se pode resistir às más sugestões.

Resp. – Se eu tivesse tido vontade, não sofreria. Sou punida porque não soube resistir.

13. No entanto, mostrastes bastante vontade para atormentar Júlia. Como acabais de tomar boas resoluções, nós vos exortamos a nelas persistir e pedimos aos Espíritos bons que vos secudem.

Observação – Durante esta evocação, outro médium recebeu de seu guia espiritual uma comunicação, contendo, entre outras coisas, o seguinte: “Não vos inquieteis com as recusas que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de reencarnar faz que repila toda solidariedade com o passado, embora não suporte muito os seus efeitos. É ela mesma a que foi indicada, mas não quer concordar consigo mesma.”

(13 de novembro de 1863)

14. *Evocação.*

Resp. – Estou pronta para responder.

15. Persististes na boa resolução em que estáveis da última vez?

Resp. – Sim.

16. Como vos achais?

Resp. – Muito bem, pois orei, estou mais calma e muito mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Júlia não foi mais atormentada. Já que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis dizer por que vos obstináveis tanto contra ela?

Resp. – Há séculos eu não era lembrada e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que

uma prece, uma única, viesse consolar-me. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar seu nome e, por certo, é mais do que eu poderia esperar do benefício que me concedeis.

Observação – No intervalo da primeira à segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas encarregado de o instruir. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Júlia deixou de ser atormentada.

18. É bastante duvidoso que o só desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levava a atormentar aquela moça; sem dúvida buscais ainda um paliativo para os vossos erros. Em todo o caso, não era um bom meio de atrair a compaixão dos homens.

Resp. – Contudo, se eu não tivesse atormentado Júlia, não teríeis pensado em mim e eu não teria saído do miserável estado em que languescia. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, pois me abristes os olhos.

19. [*Ao guia do médium*]. Foi mesmo Fredegunda que deu esta resposta?

Resp. – Sim, foi ela, um pouco auxiliada, é verdade, porque se humilhou. Mas este Espírito é muito mais adiantado em inteligência do que pensais; falta-lhe o progresso moral, cujos primeiros passos lhe ajudais a dar. Ela não vos disse que Júlia tirará grande proveito do que se passou para o seu avanço pessoal.

20. [*A Fredegunda*]. A senhorita Júlia vivia em vosso tempo? poderíeis dizer quem era ela?

Resp. – Sim. Era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarda; uma alma sofredora e resignada, que fazia minha vontade. Sofreu o castigo de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

21. Desejais uma nova encarnação?

Resp. – Sim, desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas e, se mereci uma pena muito justa, ah! é tempo para que eu possa,

com o auxílio de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar das minhas antigas sujeiras. Deus é justo. Orai por mim. Até hoje eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha o olhar velado e como que uma vertigem. Mas agora vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor e o das minhas vítimas. Meu Deus, como é suave o perdão!

22. Dizei-nos algo de Brunchaut.

Resp. – Brunchaut!... Este nome me dá vertigem... Foi o grande erro de minha vida e senti o meu velho ódio despertar ao ouvir o seu nome!... Mas Deus me perdoará e doravante poderei escrever esse nome sem tremer. Mais feliz que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, desempenhando um papel que desejo: o de irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança; nós vos encorajaremos e sustentaremos com nossas preces.

Resp. – Obrigada! obrigada! Espíritos bons, Deus vos pagará por isto.

Observação – Um fato característico dos Espíritos maus é a impossibilidade em que muitas vezes se acham de pronunciar ou escrever o nome de Deus. Isto denota uma natureza má, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, um misto de medo e de respeito, que não sentem os Espíritos hipócritas, aparentemente menos maus. Estes últimos, longe de recuarem ante o nome de Deus, dele se servem afrontosamente para captar a confiança. São infinitamente mais perversos e mais perigosos que os Espíritos francamente maus. É nesta classe que são encontrados a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é muito mais difícil desembaraçar-se do que dos outros, porque é do Espírito mesmo que eles se apossam, auxiliados por um falso semblante de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros só se apossam do corpo. Um Espírito que, como o de Fredegunda, recua ante o nome de Deus, está muito mais próximo de sua conversão do que os que se cobrem com a máscara do bem. Dá-se o mesmo entre os homens, onde encontrais estas duas categorias de Espíritos encarnados.

Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas

As reuniões espíritas que surgem são tão numerosas que nos seria impossível citar todas as boas palavras ditas a respeito, testemunhando os sentimentos excitados pela doutrina. O novo grupo que acaba de formar-se na ilha de Oléron é tanto mais digno de simpatia quanto o Espiritismo foi, nessas regiões, objeto de uma oposição muito viva. Transcrevemos uma das alocações que foram pronunciadas na ocasião, para provar como os espíritas respondem aos seus adversários.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENNES

“Senhores e caros irmãos espíritas de Oléron,

“A extensão que diariamente toma o Espiritismo em nossa terra é a prova mais evidente da impotência dos ataques de que é objeto. É como diz o Sr. Allan Kardec: ‘De duas uma: ou é um erro, ou uma verdade. Se é um erro, cairá por si mesmo, como todas as utopias, que apenas têm existências efêmeras, e morrem por falta de base sólida, única que pode dar a vida; se é uma dessas grandes verdades que, pela vontade de Deus, devem ter lugar reservado na história do mundo e marcar uma era do progresso da Humanidade, nada deterá a sua marcha.’

“Aí está a experiência para mostrar em qual dessas duas categorias o Espiritismo deve ser classificado. A facilidade com que é aceito pelas massas, dizemos mais: a felicidade, a consolação, a coragem contra a adversidade, que se adquire nesta crença, a incrível rapidez de sua propagação, não são mostras de uma idéia sem valor. O mais excêntrico sistema pode fazer seita e reunir em torno de si alguns partidários, mas, semelhante a uma árvore sem raízes, se desfolha rapidamente e morre sem rebentos. É assim com o Espiritismo? Não; sabei-o tão bem quanto eu. Desde seu aparecimento, não cessou de crescer, a despeito dos ataques de que

foi objeto, e hoje cravou sua bandeira em todos os pontos do globo; seus partidários se contam aos milhões; e se se considerar o caminho feito nos últimos dez anos, através de um sem-número de obstáculos semeados em sua rota, pode julgar-se o que será daqui a dez anos, tanto mais quanto mais se aplainam os obstáculos, à medida que avança e aumenta o número de seus aderentes. Assim, pois, pode dizer-se, com o Sr. Allan Kardec, que o Espiritismo é hoje um fato consumado; a árvore criou raízes; não lhe resta senão desenvolver-se e tudo concorre para lhe ser favorável, porquanto, malgrado algumas borrascas, o vento é favorável ao Espiritismo. É preciso ser cego para não o reconhecer.

“Uma circunstância contribuiu poderosamente para a sua expansão: é que não é exclusivo de nenhuma religião; sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, pertence a todas; é, ao mesmo tempo, a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, em torno da qual todos podem reunir-se, sem abdicarem de sua crença particular. Começa-se a compreender que é um penhor de segurança para a sociedade. Quanto a mim, caros irmãos, vou mais longe e penso que concordareis comigo, quando digo: No momento em que todos os povos tiverem inscrito em sua bandeira *Fora da caridade não há salvação*, a paz do mundo será garantida e todos os povos viverão como irmãos. Será apenas um belo sonho? Não, senhores, é a promessa feita pelo Cristo e estamos na época de sua realização.

“Que somos nós, nós outros, no grande movimento que se opera? Somos obscuros operários que trazemos nossa pedra ao edifício; mas quando milhões de obreiros tiverem trazido milhões de pedras, o edifício estará concluído. Trabalhem, pois, com zelo e perseverança, sem nos desanimarmos com a pequenez do sulco que traçamos, pois numerosos sulcos se abrem à nossa volta. Permitti-me uma comparação que, embora material, corresponde a este pensamento. No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade queria ter o seu ramal; cada um desses ramais pouco representavam em si mesmo; mas quando todos fossem reunidos, teríamos uma rede imensa, que hoje cobre o

mundo e derruba as barreiras dos povos. As estradas de ferro derrubaram as barreiras materiais; a palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação*, fará cair as barreiras morais; fará cessar, sobretudo, o antagonismo religioso, causa de tantos ódios e de conflitos sangrentos, porque, então, judeus, católicos, protestantes e muçulmanos se darão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz, que é o mesmo para todos.

“Como vedes, senhores e caros irmãos, o objetivo é grande. Restar-nos-ia examinar a organização de nossa pequena esfera, para transformá-la numa engrenagem útil ao conjunto. Para isto, nossa tarefa é facilitada pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado e que se tornaram, pode dizer-se, as obras clássicas da doutrina. Seguindo-as pontualmente, estamos certos de não nos transviarmos numa falsa rota, porque essas instruções são o fruto da experiência. Assim, que cada um medite cuidadosamente essas obras, pois nelas encontraremos tudo quanto nos é necessário; aliás, tenho certeza de que o apoio e os conselhos do mestre jamais nos faltarão. A nenhum de nós é permitido esquecer que, se a esperança e a fé penetraram a maioria de nossos corações, se muitos dentre nós fomos arrancados ao materialismo e à incredulidade, devemos-lo à sua coragem perseverante, ao seu zelo, que nem as calúnias, nem as diatribes, nem os ataques de toda sorte abalaram. Tendo sido o primeiro a compreender o imenso alcance do Espiritismo, desde então tudo sacrificou para lhe espalhar os benefícios entre os seus irmãos da Terra. Digamo-lo: evidentemente ele foi escolhido para esse grande apostolado, pois é impossível desconhecer que cumpre entre nós uma missão moralizadora. Eu vos proponho, senhores, votar-lhe os agradecimentos que todos os verdadeiros e sinceros espíritas lhe devem. Ao mesmo tempo, peçamos a Deus que continue a sustentá-lo num empreendimento em que ele é o único em condição de fazê-la frutificar completamente.

“Algumas palavras ainda, senhores, sobre o caráter desta reunião. A máxima que nos serve de guia é capaz de

tranqüilizar aqueles a quem o nome do Espiritismo poderia intimidar. Com efeito, que se pode temer de gente que faz do princípio da caridade para com todos, amigos e inimigos, a sua regra de conduta? E este princípio para nós é tão sério, que dele fazemos a condição expressa de nossa salvação. Não é a melhor garantia que podemos dar de nossas intenções pacíficas? Quem, pois, poderia ver com maus olhos, mesmo entre os que não compartilham de nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é reconduzir a Deus os que dele se afastam, combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e ameaçam os seus fundamentos?

“Assim, dirigimo-nos aos que não crêem, pois o campo a ceifar é bastante vasto, como disse o Sr. Allan Kardec. Em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos os que vêm a nós, e procuremos não coagir ninguém em sua fé religiosa. Não vimos erguer altar contra altar, mas levantar um onde não existia nenhum. Os que acharem bons nossos princípios, os adotarão; os que os acharem maus, os deixarão de lado e nem por isso os consideraremos menos como irmãos; se nos atirarem a pedra, pediremos a Deus que lhes perdoe a falta de caridade e lhes recorde o Evangelho e o exemplo de Jesus-Cristo, que orava por seus algozes.

“Oremos, pois, caros irmãos, a fim de que Deus se digne estender sobre nós a sua misericórdia e perdoar as nossas faltas, como perdoamos aos que nos querem mal. Digamos todos, do fundo do coração:

“Senhor, Deus Todo-Poderoso, que ledes no fundo das almas e vedes a pureza de nossas intenções, dignai-vos sustentarnos na nossa obra e protegei nosso chefe; dai-nos a força de suportar com coragem e resignação, e como provas para a nossa fé e nossa perseverança, as misérias que a malevolência possa nos

suscitar; fazei que, a exemplo dos primeiros mártires cristãos, estejamos prontos para todos os sacrifícios, para vos provar a nossa submissão à vossa santa vontade. Aliás, que são os sacrifícios dos bens deste mundo quando se tem, como devem tê-lo todos os espíritas sinceros, a certeza dos bens imperecíveis da vida futura? Fazei, Senhor, que as preocupações da vida terrestre não nos desviem do caminho santo por onde nos conduzistes e dignai-vos nos enviar Espíritos bons para nos manterem na via do bem; que a caridade, que é a vossa e a nossa lei, nos torne indulgentes para com as faltas dos nossos irmãos; que ela abafe em nós todo sentimento de orgulho, de ódio, de inveja e de ciúme, e nos torne bons e benevolentes para com todos, a fim de que tanto preguemos pelo exemplo, quanto pela palavra.”

Os delegados de diversos grupos das localidades circunvizinhas se tinham reunido, nessa ocasião, com seus novos irmãos em crença. Vários outros discursos foram pronunciados, todos testemunhando um perfeito entendimento do verdadeiro espírito do Espiritismo. Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citá-los, assim como uma notável comunicação obtida na sessão, assinada por *François-Nicolas Madeleine* que, em termos simples e tocantes, traça os deveres do verdadeiro espírita.

Em Lyon acaba de formar-se um novo grupo em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Esta reunião tem duplo objetivo: a instrução e a beneficência. No que tange à instrução, ele se propõe dedicar uma parte menor que a geralmente dedicada às comunicações mediúnicas e, em contrapartida, consagrar uma maior às instruções orais, com vistas a desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. No que respeita à beneficência, a nova sociedade se propõe vir em auxílio das pessoas necessitadas, por meio de donativos de objetos comuns, tais como roupa branca, vestuários, etc. Além do que puder recolher, as senhoras que dela fazem parte dão sua quota de trabalho pessoal na confecção de roupas e em visitas aos pobres doentes. Um dos membros dessa sociedade nos

escreve a respeito: “Graças ao zelo da Sra. G..., em breve Lyon contará com mais uma reunião espírita. Tal reunião alcançará o objetivo a que se propõe? Só o futuro dirá. Se ainda é pouco numerosa, pelo menos conta com elementos devotados, cheios de fé e de caridade. Podemos fracassar no empreendimento, mas, ao menos, nossas intenções são boas. Bastará que a Sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos, auxiliados por seu apoio moral.”

Este apoio jamais faltará a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tenha por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris sempre se rejubila ao ver a doutrina produzir bons frutos. Ela só declinará de qualquer solidariedade em relação a grupos ou sociedades que, desconhecendo o princípio de caridade e de fraternidade, sem o qual não há verdadeiros espíritas, vissem as outras reuniões com maus olhos, lhes atirassem pedras ou procurassem denegri-las sob um pretexto qualquer. A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras, e não por palavras; é uma medida de apreciação que não enganará senão os que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não a terceiros desinteressados; é a pedra de toque, pela qual se reconhece a sinceridade de sentimentos. E em Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se trata apenas daquela que dá, mas, também e sobretudo, da que esquece e perdoad, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não se fundasse sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir; aliás, traria em si mesma o seu elemento destruidor. Assim, nossas simpatias pessoais serão sempre conquistadas por todas que provarem, por seus atos, o Espírito bom que as anima, porque os Espíritos bons não podem inspirar senão o bem.

No próximo número, falaremos das novas sociedades espíritas de Bruxelas, Turim e Esmirna, que igualmente se colocam sob o patrocínio da Sociedade de Paris.

Questões e Problemas

PROGRESSO NAS PRIMEIRAS ENCARNAÇÕES

Pergunta – Duas almas, criadas simples e ignorantes, que não conhecem o bem, nem o mal, vêm à Terra. Se, numa primeira existência, uma seguir o caminho do bem, e a outra o do mal, já que, de certo modo, é o acaso que as conduz, elas não merecem castigo nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão para dar a cada uma delas a consciência de sua existência, consciência que antes não tinham. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas só começariam a ser infligidas ou concedidas a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos já soubessem distinguir entre o bem e o mal, experiência que lhes faltaria por ocasião de sua criação, mas que adquiririam por meio de sua primeira encarnação. Tal opinião tem fundamento?

Resposta – Embora esta pergunta já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la, para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme à justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é senão após a centésima, talvez após a milésima. Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude de suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos. E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; é assim, por exemplo, que um selvagem que come os seus semelhantes é menos

castigado que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Sem dúvida os nossos selvagens estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência; mais tarde, *e sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade.

Além disso, o autor da pergunta comete dois erros graves: o primeiro é o de admitir que o acaso decida pelo bom ou mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito fica num estado inconsciente durante numerosas encarnações; a luz da inteligência não se faz senão aos poucos e a responsabilidade real só começa quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é o de admitir que as primeiras encarnações humanas ocorrem na Terra. A Terra já foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados em sua superfície já se despojaram das primeiras fraldas da encarnação e os nossos selvagens estão em progresso, comparativamente ao que eram antes que seu Espírito viesse encarnar neste globo. Que se julgue agora o número de existências necessárias a esses selvagens para transpor todos os degraus que os separam da mais adiantada civilização; todos esses degraus intermediários se acham na Terra *sem solução de continuidade* e se pode segui-los observando as nuances que distinguem os diferentes povos; só o começo e o fim aí não se encontram; para nós o começo se perde nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Aliás, isto pouco importa, pois tal conhecimento em nada nos adiantaria. Não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que nossas imperfeições são o único obstáculo à nossa felicidade

futura; portanto, estudemo-nos, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto em que estamos a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sensatamente o bem e o mal, e é também deste ponto que a sua responsabilidade é mais seriamente empenhada, já que não mais se pode dizer o que dizia Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.”

Variedades

FONTENELLE E OS ESPÍRITOS BATEDORES

Devemos à gentileza do Sr. Flammarion a comunicação de uma carta que lhe foi dirigida e que contém o seguinte relato:

Provavelmente vos imaginais, caro senhor, o primeiro astrônomo que se tenha ocupado de Espiritismo. Desenganai-vos. Há um século e meio Fontenelle fazia tipologia com a Srta. Letard, médium. Distraíndo-me esta manhã em folhear um velho manual epistolar, publicado há cinquenta anos por Philipon de la Madeleine, encontro uma carta da Srta. Launai, que foi mais tarde a Sra. Staal, dirigida da parte da duquesa do Maine ao secretário da Academia das Ciências, relativamente a uma aventura, da qual eis o resumo.

Em 1713 uma moça chamada Letard garantia manter comércio com os Espíritos, tal como Sócrates com o seu demônio. O Sr. Fontenelle foi ver a jovem e, porque deixasse transparecer algumas dúvidas sobre essa espécie de charlatanismo, a Sra. de Maine, que não duvidava, encarregou a Srta. Launai de lhe escrever a respeito.

Philipon de la Madeleine

Sobre o fato encontra-se a nota a seguir, numa edição das obras escolhidas de Fontenelle, publicada em Londres em 1761.

Uma jovem, chamada Srta. Letard, no começo do século excitou a curiosidade do público por um suposto prodígio. Todo o mundo a procurava e o Sr. Fontenelle, aconselhado pelo Duque de Orléans, também foi ver a maravilha. Foi a esse respeito que a Srta. Launai lhe havia escrito. – Eis a carta:

“A aventura da Srta. Letard faz menos barulho, senhor, que o testemunho que destes. Admiram-se, e talvez com certa razão, que o destruidor dos oráculos, que aquele que derrubou o tripé das sibilas, se tenha ajoelhado diante da Srta. Letard. Pois quê! dizem os críticos, esse homem que tornou bem evidentes as fraudes feitas a mil léguas de distância e mais de dois mil anos antes, foi incapaz de descobrir um ardil tramado sob os seus olhos! Os astutos pretendem que, como um bom pirrônico e achando tudo incerto, imaginais que tudo seja possível. Por outro lado, os devotos parecem muito edificadas com as homenagens que prestastes ao diabo; esperam que isto possa ir mais longe. Para mim, senhor, suspendo o julgamento até ser melhor esclarecida.”

Resposta do Sr. Fontenelle:

“Terei a honra, senhorita, de responder a mesma coisa que respondi a um de meus amigos, que me escreveu de Marly, no dia seguinte ao em que estive em casa do *Espírito*. Comuniquei-lhe que tinha ouvido ruídos, cuja mecânica desconhecia, mas que, para decidir, seria necessário um exame mais exato que aquele que eu havia feito, e o repetir. Não mudei de linguagem; mas, porque não decidi absolutamente que era um artifício, acusaram-me de crer que fosse um duende; e como o público não se detém na rota da prudência, disseram que eu havia dito. Não há grande mal nisso. Se me causaram danos, atribuindo-me um discurso que não fiz, deram-me a honra de chamar a atenção sobre mim, e uma mão lava a outra. Eu não julguei que, por ter desmerecido as velhas profetisas de Delfos, estivesse incitando a destruição de uma jovem viva, da qual só se tinha falado bem. Se, contudo, acham que faltei

ao meu dever, de outra vez empregarei um tom mais impiedoso e mais filosófico. Há muito tempo que censuram minha pouca severidade. É preciso que eu seja mesmo incorrigível, pois a idade, a experiência e as injustiças do mundo nada fazem. Eis, senhorita, tudo quanto vos posso dizer sobre o *Espírito*, ao qual fui atraído por uma carta que, suspeito com muito gosto, tenha sido por ele ditada, já que, afinal de contas, não estou longe de crer nisto. Assim, quando me vier um demônio familiar, eu vo-lo direi com mais graça e num tom mais engenhoso, mas não com mais sinceridade, que eu sou, etc.”

Observação – Como se vê, Fontenelle não se pronuncia pró nem contra, limitando-se a constatar o fato. Era a prudência, que falta à maioria dos negadores de nossa época, que dão a última palavra sobre aquilo que nem sequer se deram ao trabalho de observar, com o risco de receberem, mais tarde, o desmentido da experiência. Todavia, é evidente que ele se inclina pela afirmativa, coisa notável para um homem na sua posição e neste século de cepticismo por excelência. Longe de acusar a Srta. Letard de charlatanismo, reconhece que dela só falavam bem. É possível até que ele estivesse mais convencido do que deixava transparecer e, não fosse o medo do ridículo, tão poderoso naquela época, talvez não guardasse reserva. Contudo, era preciso que estivesse muito abalado para não dizer claramente que era uma trapaça. Ora, sobre este ponto sua opinião é importante. Afastada a questão do charlatanismo, torna-se evidente que a Srta. Letard era um médium espontâneo no gênero das irmãs Fox.

SANTO ATANÁSIO, ESPÍRITA SEM O SABER

A passagem seguinte, tirada de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, um dos pais da Igreja grega, parece ter sido escrita sob a inspiração das idéias espíritas de hoje:

“A alma não morre, mas o corpo morre quando dele ela se afasta. A alma é para si mesma seu próprio motor; o movimento

da alma é a sua vida. Mesmo quando está prisioneira no corpo e como que a ele ligada, ela não se amesquinha às suas estreitas proporções e aí não se encerra. Mas muitas vezes, quando o corpo jaz imóvel e como que inanimado, ela fica desperta por sua própria virtude; e, *saindo da matéria, não obstante a ela ainda ligada*, concebe, contempla existências além do globo terrestre; vê os santos desprendidos do envoltório dos corpos, vê os anjos e a eles ascende na liberdade de sua pura inocência.

“Inteiramente separada do corpo e quando aprouver a Deus tirar-lhe a cadeia que lhe é imposta, não terá ela, eu vos pergunto, uma visão muito mais clara de sua natureza imortal? Se hoje mesmo, e nos entraves da carne, ela já vive *uma vida completamente exterior*, viverá muito mais depois da morte do corpo, graças a Deus que, por seu Verbo, a fez assim. Ela compreende, abarca em si as idéias de eternidade, de infinito, pois é imortal. Assim como o corpo, que é mortal, não percebe senão o que é material e perecível, também a alma, que vê e medita as coisas imortais, é necessariamente imortal em si mesma e viverá sempre, porque os pensamentos e as imagens de imortalidade jamais a deixam e nela são como um foco vivo, que alimenta e assegura a sua imortalidade.”

(*Sanct. Athan. Oper., t. I, p. 32. – Villemain,*
Quadro da eloquência cristã no IV século)

Com efeito, não está aí uma descrição exata da irradiação exterior da alma durante a vida corporal, e de sua emancipação no sono, no êxtase, no sonambulismo e na catalepsia? O Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, e o prova pela experiência.

Com as idéias esparsas contidas na Bíblia, nos Evangelhos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode constituir-se toda a doutrina espírita moderna. Os

comentários feitos desses escritos geralmente o foram de um ponto de vista exclusivo e com idéias preconcebidas, e muitos só viram neles o que queriam ver ou lhes faltava a chave necessária para ver outra coisa; mas hoje o Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens mal compreendidas. Até o momento esses fragmentos são recolhidos parcialmente, mas dia virá em que homens de paciência e saber, e cuja autoridade não poderá ser desconhecida, farão deste estudo o objeto de um trabalho especial e completo, que projetará luz sobre todas essas questões, fazendo que todos se submetam, ante a evidência claramente demonstrada. Esse trabalho considerável – creio poder dizer – será obra de membros eminentes da Igreja, que receberão esta missão, porque compreenderão que a religião deve ser progressiva como a Humanidade, sob pena de ser ultrapassada, porque, como na política, há idéias retrógradas na religião. Em tal caso, não avançar é recuar. O que faz os incrédulos é precisamente o fato de a religião colocar-se fora do movimento científico e progressivo. Ela faz mais: declara este movimento obra do demônio e sempre o combateu. Disso resultou que a Ciência, sendo repelida pela religião, por sua vez repeliu a religião. Daí um antagonismo que não cessará senão quando a religião compreender que não só deve marchar com o progresso, mas ser um elemento do progresso. Todos acreditarão em Deus, quando ela não o apresentar em contradição com as leis da Natureza, que são obra sua.

EXTRATO DO *OPINION NATIONALE*

Num artigo político muito sério sobre a Polônia, assinado por Bonneau, publicado no *Opinion nationale* de 10 de novembro de 1863, lê-se a seguinte passagem:

“Que Francisco José evoque a sombra de sua avó, que peça conselhos a Maria Teresa, alma sofredora, perseguida pelos remorsos da Polônia dividida, e a luz se fará de repente aos seus olhos.”

Estas palavras dispensam comentários. Tínhamos razão de dizer, mais acima, que a idéia espírita atravessa tudo. A ela somos arrastados, mau grado nosso, e em breve ela transbordará.

UM ESPÍRITO BATEDOR NO SÉCULO XVI

Lê-se na *Histoire de saint Martial*, apóstolo das Gálias e, notadamente, da Aquitânia e do Limousin, pelo Rev. Pe. Bonaventure de Saint-Amable, carmelita descalço, 3^a parte, p. 752:

“No ano de 1518, no mês de dezembro, em casa de Pierre Juge, negociante em Limoges, um Espírito, durante quinze dias, fazia grande barulho, batendo nas portas, nas tábuas do assoalho e nas lajes, e mudava os utensílios de um lugar para outro. Vários religiosos ali foram dizer missa e velar à noite, com círios acesos e água benta, sem que ele tivesse querido falar. Um rapaz de dezesseis anos, natural de Ussel, que servia àquele negociante, confessou que o Espírito o havia molestado muitas vezes, em casa e em vários outros lugares, acrescentando que um parente seu, que o tinha feito herdeiro, havia morrido na guerra e tinha aparecido muitas vezes a vários de seus parentes e batido em sua irmã que, em consequência, faleceu três dias depois. Tendo o dito negociante Juge despedido o rapaz, todo esse barulho cessou.”

Evidentemente o jovem era médium inconsciente, de efeitos físicos, como sempre os houve. O conhecimento das leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível faz todos esses fatos, supostamente maravilhosos, entrarem no domínio das leis naturais.

Allan Kardec